

5 Elementos comuns entre Paulo e João

O caráter conclusivo deste capítulo exige colher os frutos do estudo prévio. A tese que liga como fio de ouro esta pesquisa é que há entre Paulo e João um horizonte comum semântico e teológico. Um ou outro ponto de contato foi possível perceber ao longo da exposição nos capítulos anteriores. Agora, de modo orgânico, será estabelecida a relação a partir das perícopes paulina de Fl 3,1-16 e a joanina de Jo 15,1-8.

5.1. Em nível morfossintático

Embora não haja vocabulário comum entre as duas perícopes acima indicadas, o uso de sintagmas, com acentuada densidade semântica e teológica, caracteriza as duas unidades textuais. Merece algum destaque a presença da preposição “ἐν” que acompanha a quase totalidade dos sintagmas. A preposição ἐν é, das preposições, a mais recorrente no NT³⁶⁷. Ela aparece em todos os escritos sem particular concentração. Seu uso é feito com dativo impessoal e com dativo pessoal. O uso com dativo pessoal pode ser feito em geral ou na formação dos sintagmas. Nas perícopes estudadas encontramos seu uso pessoal na formação de sintagmas: “no Senhor” (ἐν κυρίῳ Fl 3,1); “nele” (ἐν αὐτῷ Fl 3,9), “em Cristo Jesus” (ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ Fl 3,14a), “em mim” (ἐν ἐμοί Jo 15,4.5.6.7). Estes sintagmas são os mais relevantes para esta pesquisa³⁶⁸.

³⁶⁷ Há 2.757 recorrências de acordo com a *concordance to the Novum Testamentum Graece*. Em 28% das 10.387 ocorre uso de todas as preposições conjuntamente. (BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, p. 218, 1). Fl 66 vezes; 14 vezes διὰ; sete vezes ἐπί; 23 vezes εἰς;

³⁶⁸ ZERWICK, M. *El Griego del Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 1997, p. 64: “É importante averiguar porque Paulo diz algumas vezes que nós estamos em Cristo (ou no Espírito) e outras que Cristo (ou o Espírito) está em nós. De fato, na mente de Paulo parece ser tão pequena – para não dizer inexistente – a distinção entre ambos os modos de expressar-se que um serve de explicação e definição do outro: “ὁμοίως δὲ οὐκ ἔστι ἐν σαρκὶ ἀλλὰ ἐν πνεύματι, εἴπερ πνεῦμα θεοῦ οἰκεῖ ἐν ὑμῖν. εἰ δὲ τις πνεῦμα Χριστοῦ οὐκ ἔχει, οὗτος οὐκ ἔστιν αὐτοῦ.” (Rm 8,9). Portanto, “no Espírito” está aquele em quem está o Espírito, ou também – como prossegue o Apóstolo – aquele que “tem o Espírito”. Também em João a permanência de Deus (de Cristo) em nós e a permanência nossa em Deus (em Cristo) são dois aspectos correlativos e inseparáveis de uma mesma realidade (cf. Jo 6,56; 15,4.5; 1Jo 4,13.15.16).

5.1.1. Sintagmas

5.1.1.1.

“ἐν κυρίῳ.” (Fl 3,1a); “ἐν αὐτῷ” (Fl 3,9a), “ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ” (Fl 3,14a)³⁶⁹.

Chama atenção o fato que os sintagmas acima estejam ausentes nos outros escritos do NT³⁷⁰. Os três sintagmas se caracterizam pelo uso pessoal/pronominal do dativo. A preposição ἐν indica plasticamente um lugar³⁷¹.

Em Paulo, estes sintagmas são impregnados de teologia: “a locução ‘em Cristo’ é usada quase como fórmula que ocupa um lugar de proeminência [...], contém a determinação do presente e do tempo final por meio de Cristo”³⁷². O uso paulino destes sintagmas, do ponto de vista sintático, se move no âmbito de três significados: a) significado local: “algumas Igrejas estão em Cristo”; b) significado instrumental: “Deus reconciliou o mundo consigo em Cristo” (2Cor 5,19); c) significado de modo com o qual uma ação se cumpre: “digo a verdade em Cristo” (Rm 9,1); porém, seu uso “às vezes não se deixa perceber a distinção”³⁷³. Esta mobilidade de significado dá densidade semântica aos sintagmas. E mesmo quando “em Cristo/ no Senhor” exprime uma

³⁶⁹ Fl 1,1; 1,26; 2,5; 3,3.14; 4,17.19.21 (ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ); 1,13; 2,1 (ἐν Χριστῷ); 1,14; 2,1.24.29; 3,1; 4,1.2.4.10 (ἐν κυρίῳ). Somente em Fl 3,9 ἐν αὐτῷ (= ἐν Χριστῷ). São relevantes para o contexto da participação outros usos paulinos: de Cristo (Χριστοῦ), “por meio de Cristo” (διὰ Χριστόν); “em Cristo” (εἰς Χριστόν), “com Cristo” (σὺν Χριστῷ) e os composto com a preposição σύν (cf. DUNN, J.D.G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 460-466).

³⁷⁰ Encontramos ἐν Χριστῷ somente na 1Pd 3,16; 5,10.14. Os autores são unânimes do teor paulino deste escrito. (cf. LOHSE, E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 230. DUNN, J.D.G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 454: “a mais paulina das cartas não paulinas”).

³⁷¹ FEE, G. *Paul's Letter to Philippians*. Michingan: W.B. Eerdmans, 1995, p. 350: “Esta preposição é provavelmente locativa, não instrumental”. O uso da preposição em com “dativo de pessoa”: ἐν Χριστῷ (Ἰησοῦ), ἐν κυρίῳ “é dito normalmente do nexa que há entre os membros do corpo místico de Cristo com sua cabeça”. Traz o sentido do que chamamos “cristão” ou “cristã”. Cf. ZORRELL, F. ἐν. In: Id. *Lexicon Graecum Novi Testamenti*. Paris: P. Lethielleux, 1931, col. 430-431.

³⁷² BECKER, J. *Paolo, l'Apostolo dei popoli*. Brescia: Querianiana, 1996, pp. 402-430.

³⁷³ SEIFRID, M.A. In Cristo, In: *DPL*. p. 851. Estes significados se desdobram em outros significados teológicos: a) Ação de Deus através de Cristo (Rm 3,24: “Salvação realizada em Cristo Jesus”); b) modo de comportamento (Fl 4,4: “Alegrai-vos sempre no Senhor”); c) situação atual do crente em relação à obra salvadora de Cristo (Rm 12,5: “embora sejamos muitos, somos um só corpo em Cristo”); d) pessoas ou situações particulares na relação com a salvação (Rm 16,7.22; 1Cor 1,30; Gl 1,22; 1Ts 3,8; 2Cor 12,2: alguém está “em Cristo”) (*Ibidem*, p. 855). “De incerta interpretação é o ἐν Χριστῷ (κυρίῳ) que em Paulo vem indicado, frequentemente aos conceitos mais diversos” (BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §219,4).

instrumentalidade ou um modo de agir, “Cristo” é entendido como uma “esfera” dentro da qual se permanece.

Eis alguns dados estatísticos que permitirão melhores esclarecimentos:

- a) O sintagma ἐν κυρίῳ³⁷⁴ recorre 34 vezes nas autenticamente paulinas, sendo que nove delas na carta aos Filipenses (1,14; 2,19.24; 2,29; 3,1; 4,1.2.4.10). Encontra-se 15 recorrências nas deuteropaulinas.
- b) O sintagma ἐν Χριστῷ recorre 45 vezes nas cartas autenticamente paulinas, sendo que, destas, dez vezes somente na carta aos Filipenses. Destas dez recorrências somente em Fl 2,1; 3,3.14 o sintagma aparece como ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. Nas deuteropaulinas (Ef, Cl e 2Ts recorre 23 vezes).
- c) O sintagma ἐν αὐτῷ³⁷⁵ (nele = em Cristo): recorre somente seis vezes (1Cor 1,5; 2Cor 1,19; 2Cor 1,20; 2Co 5,21; 2Cor 13,4; Fl 3,9) nas protopaulinas, sendo que na carta aos Filipenses somente em Fl 3,9. Sendo 14 recorrências nas deuteropaulinas (2Ts; Ef [cinco vezes]; Cl [oito vezes]).

Pode-se concluir que o uso com relevância teológica é caracterizadamente paulino e que a carta aos Filipenses bem representa a diversidade de uso dos sintagmas.

5.1.1.2.

“ὑπὸ Χριστοῦ [Ἰησοῦ]” (Fl 3,12)

Este sintagma é um hapax; com sua estrutura sintática definida pelo agente da passiva, expressa a justa passividade do ser humano na sua relação com Deus³⁷⁶. Nós não alcançamos Deus e nos tornamos discípulos, mas Deus toma a iniciativa de fazer uma ponte até nós em Cristo e nos alcança. O discípulo nasce

³⁷⁴ Fora do *corpus paulinum*, somente em Ap 14,13 “os que morrem no Senhor”. Esse uso possui a teologia paulina, na qual ἐν κυρίῳ não é só por causa do Senhor, mas expressa a comunhão com ele.

³⁷⁵ Encontra-se ἐν αὐτῷ= ἐν Χριστῷ quatro vezes nos sinóticos (Mt 14,2; Mc 6,3.14; Lc 23,22), sete vezes no EvJo (Jo 1,4; 3,15; 9,3; 13,31.32; 19,4.6) e duas vezes na 1Jo (3,5.6). Estas recorrências não tem particular relevância teológica.

³⁷⁶ Cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, §232,2. Em Jo 14,21b: ὁ δὲ ἀγαπῶν με ἀγαπηθήσεται ὑπὸ τοῦ πατρὸς μου. O amor do Pai é resposta do amor do discípulo por Jesus. Esta lógica joanina pressupõe o discípulo gerado pela ação purificadora de Jesus (cf. Jo 15,3).

não por uma iniciativa sua, mas por um nível de resignação existencial, aceitando não mais se autodeterminar, deixando que um Outro mande nele.

Este sintagma serve para destacar a preeminência da graça em relação ao agir humano; este é o ambiente adequado para compreender o que o texto comunica com o ὑπὸ Χριστοῦ. Fl 3, 1-16 é o texto em que Paulo melhor descreve sua gênese para o discipulado. Ser encontrado nele (9a) vai exigir o prévio ser alcançado por ele (12e).

5.1.1.3.

“μένειν ἐν” “ἐν ἐμοί” (Jo 15,4.5.6.7)

Os dois sintagmas estão estreitamente relacionados ao interno da perícope da videira, o primeiro destaca a ação de permanecer, o segundo o lugar da permanência. João insiste sobre a realidade da reciprocidade, que Cristo e os discípulos se pertençam mutuamente: “μένειν ἐν: dito do homem, designa fidelidade”; dito de Jesus “designa a eterna validade da ação salvífica de Deus em favor do que crê”, que “corresponde em certo modo às fórmulas ἐν Χριστῷ e Χριστὸς ἐν ὑμῖν, em Paulo”³⁷⁷. Para indicar isso o EvJo faz uso do sintagma ἐν ἐμοί, que, embora esteja presente nos sinóticos, é no EvJo que sua relevância teológica é destacada.

Do uso do verbo permanecer no NT, podemos concluir que sua recorrência nos Sinóticos é sem especial peso teológico. Do uso no EvJo e nas cartas, prevalece o uso técnico da relação imanente de Jesus com o Pai e com os discípulos. O sintagma “permanecer em” sempre que usado no EvJo denota a estável comunhão.

Das sete recorrências de ἐν ἐμοί nos sinóticos podemos concluir: a) não toca a relação de imanência de Jesus com o Pai nem com os discípulos; b) são consequências de aramaísmos³⁷⁸, resquícios do uso de ܐܢܝܢ; c) o único uso que

³⁷⁷ HUBNER, H. μένω. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (orgs.). *DENT*. Salamanca: Sígueme, 1998, V. 2. col. 224.

³⁷⁸ Cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §220,3. Eis as recorrências de ἐν ἐμοί nos sinóticos: Mt (10,32 “em meu favor”; 11,6 “a meu respeito”; 26,31 “a meu respeito”; Mc (14,6 “em meu favor”); três vezes em Lc (7,23 “a meu respeito” = Mt 11,6; 12,8 “em meu favor” = Mt 10,6; 22,37 τελεσθῆναι ἐν ἐμοί “cumprir-se em mim”).

expressa a esfera pessoal não indica relação (Lc 22,37). Portanto, o uso joanino deste sintagma é específico e expressa sua percepção teológica.

Quanto ao uso feito deste sintagma no EvJo, pode ser classificado em três grupos:

- a) Indica reciprocidade de Jesus com os discípulos: Jo 6,56: ὁ τρώγων μου τὴν σάρκα καὶ πίνων μου τὸ αἷμα ἐν ἐμοὶ μένει καὶ γὰρ ἐν αὐτῷ “permanece em mim e eu nele”; Jo 14,20 eu estou no meu Pai e vós em mim e eu em vós; 15,2.4.4.5.6.7 permanecer em mim; 16,33 tendes paz em mim; Jo 17,21: ἵνα καὶ αὐτοὶ ἐν ἡμῖν ὦσιν “a fim de que também eles estejam em nós”.
- b) Indica reciprocidade de Jesus com o Pai: Jo 10,38: ἐν ἐμοὶ ὁ πατήρ καὶ γὰρ ἐν τῷ πατρὶ “o Pai está em mim e eu estou no Pai”; Jo 14,10 αὐὸ πιστεύεις ὅτι ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ καὶ ὁ πατήρ ἐν ἐμοὶ ἔστιν; “Eu estou no Pai e o Pai está em mim”; Jo 14,10b: ὁ δὲ πατήρ ἐν ἐμοὶ μένων ποιεῖ τὰ ἔργα αὐτοῦ.; “o Pai permanecendo em mim”; Jo 14,11: ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ καὶ ὁ πατήρ ἐν ἐμοὶ “eu estou no pai e o Pai está em mim”; Jo 17,21: σύ, πάτερ, ἐν ἐμοὶ καὶ γὰρ ἐν σοί, “tu Pai em mim e eu em ti;
- c) Indica a reciprocidade de Jesus, o Pai e os discípulos: Jo 17,23: ἐγὼ ἐν αὐτοῖς καὶ σὺ ἐν ἐμοί, “eu neles e tu em mim”.

Pode-se tirar algumas conclusões a partir destas recorrências:

- a) Exceto Jo 6,56, todas as demais estão no discurso de despedida (13–17); destas, somente 14,30 “ele não pode nada contra mim” não entra nos grupos classificados.
- b) Chama a atenção das 17 recorrências, 6 estarem concentradas na perícopa da videira (Jo 15,1-8).

5.1.1.4.

“ἄφ’ ἑαυτοῦ” (Jo 15,4)³⁷⁹

A impossibilidade do ramo/discípulo produzir “por si mesmo” orienta o ouvinte-leitor sobre sua dependência de Jesus. A descabida pretensão de um ramo,

³⁷⁹ Sobre a recorrência deste sintagma, ver cap. III.

destacado da videira, de produzir frutos, exige a chocante conclusão da falta de inteligência de uma tentativa ἀφ' ἑαυτοῦ por parte do discípulo, ou melhor por parte daquele que pretende ser discípulo, pois tal designação de discípulo só é adequada a quem permanece em Jesus. O texto desorienta o ouvinte-leitor, pois fechar-se em suas capacidades é infecundo, estéril e mesmo nocivo para si. A tentação do individualismo e do egocentrismo deve ser vencido. O que é esclarecido, indiretamente, é que como o ramo precisa da videira para sua sobrevivência, o discípulo precisa de Jesus Cristo, pois não é fonte para si, pode-se até tornar-se co-fonte pela sua dependência da fonte (cf. Jo 7,38 ποταμοὶ ἐκ τῆς κοιτίας αὐτοῦ ῥεύσουσιν ὕδατος ζῶντος.)

5.1.1.5.

“χωρὶς ἐμοῦ” (Jo 15,5)

Este sintagma está no mesmo horizonte semântico de “ἀφ' ἑαυτοῦ”, como o reforçativo da relação do discípulo com Jesus. É sugestivo que no prólogo o autor afirme: πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν (Jo 1,3). Se a referência do prólogo destaca o lugar do *lógos* na criação, aqui destaca seu lugar na redenção. “Sem mim” quer dizer: sem o seu influxo, sem a vida da qual ele é a fonte, sem a ligação vital com ele, *in brevis*, sem crer nele.

Os sintagmas sinalizam pontos fortes de relação das perícopes estudadas da carta aos Filipenses e do EvJo: a centralidade de Cristo. Em Fl Paulo conta como tudo começou com ele, ou melhor, como tudo mudou para ele a partir de ser encontrado por Cristo. Na perícopa joanina, a Jesus é dada a palavra. Sua narrativa encontra largo espaço para falar da relação dos discípulos consigo. Uma coisa, porém sobressai a tudo: a ênfase na necessidade de permanecer nele.

5.2.

A centralidade de Cristo a partir do nível semântico

Na enumeração dos sintagmas já foi destacado algo da semântica. O estudo carece ainda de uma análise orgânica que permita a síntese teológica. O foco comunicativo dos textos converge para a centralidade de Cristo: o vocabulário o demonstra e a semântica se encarrega de corroborar.

Os três sintagmas paulinos contemplados na perícope (“ἐν κυρίῳ.” (Fl 3,1); “ἐν αὐτῷ” (Fl 3,9), “ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ” (Fl 3,14)³⁸⁰), salvo nuances que serão apontadas a seu tempo, se correspondem. A linguagem de Paulo partilha o uso metafórico comum do uso de espaço, com a qual se pretende definir uma pertença ou exclusão. Ademais, “a expressão ‘em Cristo’ manifesta a convicção de Paulo de que o plano salvífico de Deus se atua realmente através de Cristo”³⁸¹.

É discutida a origem desses sintagmas. A concepção local se refaz ao mito do Redentor, do qual falam os escritos gnósticos (Käsemann); com a ideia judaica de união física com o Messias (Schweizer); a ideia judaica da “personalidade corporativa” (Best, Moule). Está, porém, excluída a “realidade orgânica”. Também não é possível entender na teologia de Paulo uma concepção “corpórea” ou “física” de participação³⁸².

Como no caso do EvJo, o fundo vétero-testamentário mais o ambiente judaico e helenista das comunidades cristãs, somados ao gênio de Paulo são suficientes para explicar a origem destes sintagmas. Para dizer com Seifrid, admite-se que “a expressão ‘em Cristo/no Senhor’ é derivada, provavelmente, de um precedente judeu-cristianismo”³⁸³. Encontramos no livro dos Atos (At 4,2.12: οὐδὲ γὰρ ὄνομά ἐστιν ἕτερον ὑπὸ τὸν οὐρανὸν τὸ δεδομένον ἐν ἀνθρώποις ἐν ᾧ δεῖ σωθῆναι ἡμᾶς.) que os primeiros crentes de Jerusalém proclamaram Jesus como a “esfera” decisiva dentro da qual se atua a ação salvífica de Deus. As raízes podem se referir ao Batismo, meio para participar da salvação, e fazer parte do reino de Cristo (Rm 6,3: ἐβαπτίσθημεν εἰς Χριστόν)³⁸⁴.

Eis os usos possíveis de ἐν Χριστῷ: (1) para indicar pertença a Cristo; (2) atividade ou situação caracterizada como cristã; (3) determinar a esfera de valor; (4) para indicar o fundamento objetivo da comunhão com Deus; (5) para colher uma multiplicidade na unidade. Quando o uso deste sintagma é feito de forma

³⁸⁰ Fl 1,1; 1,26; 2,5; 3,3.14; 4,17.19.21 (ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ); 1,13; 2,1 (ἐν Χριστῷ); 1,14; 2,1.24.29; 3,1; 4,1.2.4.10 (ἐν κυρίῳ). Somente em 3,9 ἐν αὐτῷ (= ἐν Χριστῷ). São relevantes para o contexto da participação outros usos paulinos: de Cristo (Χριστοῦ), “por meio de Cristo” (διὰ Χριστόν); “em Cristo” (εἰς Χριστόν), “com Cristo” (σὺν Χριστῷ) e os compostos com a preposição σύν (cf. DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 460-466).

³⁸¹ SEIFRID, M.A. In Cristo, In: *DPL*. p. 851.

³⁸² *Ibidem*, pp. 853-854.

³⁸³ SEIFRID, M.A. In Cristo, In: *DPL*. p. 854. “Para Paulo os crentes participam em alguma medida real da morte e ressurreição de Cristo”.

³⁸⁴ Sabe-se da liberdade do NT na alternância no uso de ἐν e εἰς. Cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §206.

absoluta, ele indica a pertença a Cristo³⁸⁵. “Da imagem originalmente local é possível derivar toda a fecundidade da fórmula ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ e das fórmulas paralelas”³⁸⁶, disto resulta que a visão de Paulo de sua vida como cristão, sua fonte, sua identidade e suas responsabilidades, poderia ser resumida nessas expressões”³⁸⁷. “Também a fórmula correspondente, embora mais rara, ‘Cristo nos fiéis’ é essencialmente paulina”³⁸⁸.

A conformação do discípulo com o mistério da morte e ressurreição do Senhor, que Paulo liga ao Batismo, não se reduz ao rito, é algo que se estende ao conjunto da vida cristã: constante morrer com Cristo para viver a vida nova da ressurreição, sendo que “os crentes participam em alguma medida real da morte e ressurreição de Cristo”³⁸⁹. Como nas fórmulas de imanência recíproca joaninas, Paulo, além da possibilidade de se encontrar em Cristo, admite que Cristo esteja no discípulo (Gl 2,20; Rm 8,10)³⁹⁰.

A forma ἐν αὐτῷ em nada se difere na fórmula plena “em Cristo”. Em uma ou em outra “a evidência [...] dada a Cristo indica que se quer pôr em destaque o estado glorioso e a função salvífica do Messias”³⁹¹. Uma e outra falam do nível de comunhão que não é somente mística, enquanto tomada de consciência; nem física, dado que há comunhão sem confusão de individualidade.

A novidade que acontece com o ser humano que entra em contato com o mistério de Deus em Cristo Jesus levou Paulo a inventar um vocabulário que coubesse, ou ao menos que melhor acolhesse a novidade. Esta comunhão não é a recepção de uma energia divina inerente a algum rito, mas a participação no conjunto dos mistérios da vida de Cristo, a atualização existencial dos “sentimentos” de Cristo, em que o discípulo não se encontra diante dos mistérios

³⁸⁵ OEPKE, A. ἐν. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966, V. 2. col. 569.

³⁸⁶ *Ibidem*, col. 573.

³⁸⁷ DUNN, J.D.G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 457.

³⁸⁸ OEPKE, A. ἐν. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966, V. 2. col. 574.

³⁸⁹ SEIFRID, M.A. In Cristo, In: *DPL*, p. 854. Segundo Albert Schweitzer a “participação em Cristo” constitui o centro organizacional da teologia de Paulo. Há outras propostas de centro para a teologia paulina: “tensão entre cristianismo judaico e cristianismo gentílico” (Baur); “justificação pela fé” (Bultmann e Käsemann), “teologia da cruz” (Ulrich Wilckens). Cf. DUNN, J.D.G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 47. De qualquer modo, a participação em Cristo, quando Paulo se refere aos seus sofrimentos (cf. 2Cor 4,7-8: descrição dos sofrimentos do apóstolo), não é só mística a participação nos sofrimentos de Cristo!

³⁹⁰ Cf. BECKER, J. *Paolo, l'Apostolo dei popoli*. Brescia: Querianiana, 1996, p. 402.

³⁹¹ SEIFRID, M.A. In Cristo, In: *DPL*. p. 851.

da vida de Cristo, mas envolvido neles. Estar nele indica ter escolhido o conjunto da existência dele não só “por” mim, mas como caminho aberto “para” mim.

Paulo inaugurou um vocabulário que expressa por meio das imagens um realismo extraordinário: revestidos de Cristo, mortos para o pecado, o Espírito derramado em nossos corações, templos do Espírito, Cristo vive em mim, me encontro nele. Há uma novidade a ser atualizada pelo discípulo. Trata-se de um dom dinâmico em si, mas só se torna dinâmico no discípulo que aceita existencialmente ser determinado por esse novo início³⁹².

Na perícopos paulina em estudo, há uma concentração cristológica. Em nenhuma outra parte dos escritos paulinos, mesmo nos hinos cristológicos, é encontrada uma assim densa referência na relação com Cristo e na ação de Cristo. As preposições são os marcos textuais que indicam esta relação e ação.

Na perícopos paulina estudada, o sintagma recorre três vezes: “ἐν κυρίῳ” Fl 3,1; “ἐν αὐτῷ” (Fl 3,9), “ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ” (Fl 3,14). A forma alternativa “no Senhor” destaca normalmente o poder único e a autoridade divina de Cristo. O Ressuscitado age através do seu Espírito dado aos discípulos. O Espírito é sempre um potente princípio ético de vida. Muito embora as cartas paulinas tenham lista de vícios e virtudes, sua tendência geral era não dar normas concretas para a vida, o comportamento adequado é fruto do Espírito. O ponto principal é que, “na teoria paulina, as ações brotam do Espírito, não dos mandamentos”³⁹³. Embora ἐν πνεύματι apareça em Jo 4,23s para qualificar a adoração devida a Deus, é possível que Paulo seja o criador desta fórmula³⁹⁴.

Neste ponto chegamos ao centro das conclusões da pesquisa. Trata-se do que se estabelece com a riqueza de referência de Paulo a Cristo quando fala da sua vocação ao discipulado e da insistência da perícopos da videira com o sintagma ἐν ἐμοί. Estes são os elementos comunicativos mais fortes das duas perícopos, como foi visto.

A insistente referência a Cristo estabelecida na perícopos da carta ao Filipenses, particularmente nos vv. 7-11, nos quais são feitas des chamadas entre pronomes e substantivos, comunicam onde está o epicentro da narração. Ora, o que está sendo contado no texto é a experiência pessoal do autor, tratando de sua

³⁹² Cf. BECKER, J. *Paolo, l'Apostolo dei popoli*. Brescia: Queriniana, 1996, pp. 403-404.

³⁹³ SANDERS, E.P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990, pp. 222-223.

³⁹⁴ Cf. OEPKE, A. ἐν. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966, V. 2. col. 569.

gênese para o discipulado. A referência a Cristo não é extrínseca, mas constitutiva. Não obstante toda a riqueza e relevância histórica na espiritualidade da *imitatio Christi*, a concepção paulina requer algo novo que aquela percepção carece: a atualização vivencial do mistério de Cristo pelo discípulo.

Que dizer também das espiritualidades baseadas na emotiva contemplação extrínseca de Cristo e dos mistérios³⁹⁵ da sua vida? Estes ficam muito aquém da novidade paulina e joanina, devendo pressupô-las para não perder a novidade do cristianismo: a comunhão com Cristo.

Nessas percepções – da *imitatio* e da contemplação dos mistérios – se colhe o extraordinário do evento de Jesus Cristo, o Filho de Deus, mas não se explicita o vínculo com o imperativo da vida cristã, ou seja, o que justifica a nova criatura (2Cor 5,17: *καινή κτίσις*) na posse da vida eterna (Jo 3,36: *ἔχει ζωὴν αἰώνιον*).

O EvJo, com gênero, estilo e vocabulário próprios, comunica que o discípulo terá sua esfera de vida na relação imanente com Cristo³⁹⁶. Este texto em primeira pessoa estabelece a regra definitiva, segundo o autor, para que alguém se proponha a tornar-se discípulo (15,8b: *γένησθε ἔμοι μαθηταί*): deverá permanecer em Jesus (*ἐν ἐμοί*). Esta realidade *passiva* do “permanecer” é reforçado na perícope da videira pelos sintagmas “*ἄφ’ ἑαυτοῦ*” Jo 15,4) e “*χωρὶς ἐμοῦ*” (Jo 15,5). Na perícope paulina aquela passividade é explicitada pela constatação de que tudo começou como o “ser alcançado por Cristo Jesus” (Fl 3,12e: *κατελήμφθην ὑπὸ Χριστοῦ [Ἰησοῦ]*).

5.3.

Em nível teológico: A centralidade de Cristo no itinerário do discipulado.

Resta saber se é possível colher nas perícopes estudadas o que poderia ser chamado o itinerário do discípulo. Ou ainda, se há elementos nos textos que permitam uma síntese cuja pauta seja comum para Paulo e João. Se há esta pauta,

³⁹⁵ Entende-se “mistério” como sendo os fatos da vida de Cristo: sua encarnação, ministério e, sobretudo, paixão, morte, ressurreição e ascensão.

³⁹⁶ Embora neste estudo esteja sendo destacado o caráter ontológico da gênese do discípulo, encontra-se também no EvJo a descrição fenomenológica do processo como nos sinóticos. Eis um exemplo: em Jo 21,19 Jesus dirige-se a Pedro que o confessou (cf. Jo 6,69), mas depois veio a negá-lo por três vezes (Jo 18,17.25.27), que corresponderá às três confissões do amor (cf. Jo 21,15.16.17), que indica a retomada do processo do discipulado.

quais são os elementos dos textos que, em comum, permitem a sinfonia harmônica. Que haja um horizonte comum, os capítulos anteriores permitem indicar. Que haja elementos suficientes para uma síntese coerente será indicado em seguida.

Do chamado até a promessa da glória pode-se destacar quatro momentos: a gênese do discípulo (chamado e resposta); o processo de construção do discípulo (o aprendizado); o ambiente vital (ficar com ele; em Cristo; permanecer em mim) e a reserva escatológica (anúncio de plenitude: prêmio; morada). O percurso desta pesquisa permite indagar sobre o que vamos chamar de “ponto zero” do discipulado. Vamos identificar nos dois textos elementos que sinalizam onde tudo começa³⁹⁷.

A relação histórica de Jesus com os primeiros discípulos se tornou canônica. No EvJo encontram-se dois conceitos que, como fio condutor, acompanham o caminho daqueles que se aproximam de Jesus: μαθητής e ἀκολουθέω³⁹⁸. “Ακολουθέω no seu significado profundo é estritamente limitado a exprimir o seguimento de Jesus”; “aderir no sentido que denota novas relações de vida” e “tomar parte ao destino de Jesus”³⁹⁹. Paulo não usa esses conceitos para falar da relação da pessoa com Jesus.

No EvJo “podem observar estes dois conceitos desligados de qualquer limitação espacial-temporal”⁴⁰⁰. Os termos “seguir” e “discípulo” saem do campo do “serviço profissional” para o campo da “salvação pessoal”⁴⁰¹. Este caminho de utilização dos termos chega ao ponto de μαθητής se tornar sinônimo de cristão, ou mesmo “um termo teológico para caracterizar o cristão fiel”⁴⁰².

³⁹⁷ O discipulado – ou começo da salvação – é indicada por Paulo em três grandes linhas teológicas que expressam “o mesmo evento com diferentes ênfases”: a justificação, a participação “em Cristo” e o recebimento do Espírito Santo. Cf. DUNN, J.D.G. *A Teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 485-486; 518. Esta pesquisa, devedora dos textos estudados, deu destaque na segunda linha teológica, da participação “em Cristo”, sem por isso excluir as outras vertentes de reflexão.

³⁹⁸ O EvJo tem esses conceitos em comum com os Sinóticos. Ao lado dos μαθηταί há os ἀπόστολοι. A mais antiga tradição já conhecia o grupo e a ele se refere como “οἱ δώδεκα” (1Cor 15,5), que foram identificados como “οἱ ἀπόστολοι” (Mc 6,16; 6,7.30); nos atos, μαθητής se torna sinônimo de cristão (At 9,36: Tabita é chamada “μαθήτρια” – único caso do NT).

³⁹⁹ KITTEL, ἀκολουθέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 576-577. A estes dois conceitos pode-se juntar também, embora com menor recorrência e peso teológico, a preposição ὀπίσω.

⁴⁰⁰ SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 64.

⁴⁰¹ *Ibidem*, pp. 66-67.

⁴⁰² *Ibidem*, p. 79.

Μαθητής se torna no EvJo este caminho que parte de um “serviço profissional” até a caracterização de todo crente. O EvJo coloca, portanto, na ação de crer, o ponto decisivo. Na ação de crer estão contidas todas as exigências para ser discípulo: (1) ser escolhido por Jesus, (2) o desapego de tudo e todos, deixando os laços parentais, os bens, os afazeres de antes; (3) ter o conhecimento dos mistérios, (4) a firme decisão de assumir o destino do Mestre como próprio, “seguimento tem que ser até a morte do martírio”⁴⁰³. Portanto, a fé – em João a ação de crer (πιστέω) – se torna o fator teologicamente decisivo para a gênese ao discipulado e condição para um estado duradouro de discípulo. No EvJo, “a decisão de ajuntar a Jesus é estereotipada expressamente como um ato de fé”: “quem crê em mim” = discípulo (Jo 14,12); crer em Jesus tomou o lugar de seguir Jesus (Jo 8,12; 10,4.5.27). Isto abre caminho para as gerações vindouras.

Quanto à ação de seguir (ἀκολουθέω), no EvJo “a fé é como uma mudança de lugar”: “das trevas” para o “Reino de Deus”⁴⁰⁴. “Para João, ‘seguir’ tem a significação de ‘profundo desapego interior’ do mundo hostil a Deus”⁴⁰⁵. Seguir é comunhão de destinos com Cristo, “compartilhar os sofrimentos e a morte”, nisto já começa a glorificação (Jo 12,24-26)⁴⁰⁶. Em Jo 12,25-26 a “comunhão de vida e de sofrimento com o Messias, é, antes de tudo, da comunhão na sua salvação”⁴⁰⁷. O que foi dito a respeito do caráter atemporal do discípulo no EvJo, pode também ser dito da ação de seguir. O Ressuscitado convida a segui-lo (Jo 21,19: ἀκολούθει μοι). Esta regra será válida também no caso de Paulo. Enfim, “para João, o ‘seguir’ é essencialmente um dom de Deus e não uma realização do homem”⁴⁰⁸.

Os termos μαθητής e ἀκολουθέω ligados ao discipulado estão totalmente ausentes nos escritos paulinos. Neste campo, Paulo está ligado a outra tradição que chegará até o EvJo, na qual crer corresponde à decisão de seguir⁴⁰⁹. O discípulo nos escritos paulinos é identificado com vocábulos que expressam a condição de justificados, participantes “em Cristo” e a quem foi dado o dom do Espírito. Tudo começa pela fé: não é pela observância da Lei que se recebe o

⁴⁰³ SCHNEIDER, G. ἀκολουθέω. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (org.). *DENT*. Salamanca: Siqueme, [s.d.]. V. 1. col. 154.

⁴⁰⁴ Cf. SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 93.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 96.

⁴⁰⁷ KITTEL, R. ἀκολουθέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 578.

⁴⁰⁸ Cf. SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 102.

⁴⁰⁹ BECKER, J. *Paolo, l'Apostolo dei popoli*. Brescia: Querianiana, 1996, p. 120: “se deve ter presente que Paulo tenha conhecido a tradição sobre Jesus mais do que explicitamente mostre”.

Espírito (cf. Gl 3,2 ἐξ ἔργων νόμου τὸ πνεῦμα ἐλάβετε ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως); o encontro com a esperança, pois os pagãos vivem sem esperança no mundo (cf. Ef 2,12 ἐλπίδα μὴ ἔχοντες καὶ ἄθεοι ἐν τῷ κόσμῳ.). O discípulo, para Paulo, é aquele que crê.

No lugar de μαθητής encontramos ἀδελφοί ou mesmo ὁ πιστεύων (aquele que crê). Cabe esclarecer que Paulo não tinha nenhum conceito de cristão inconsciente ou não intencional. “O novo começo” precisava ser realizado por meio de uma “experiência de vida nova”⁴¹⁰; e esta vida nova é bem marcada na vida daquele que se torna discípulo/crente⁴¹¹. O tornar-se discípulo é um evento de caráter decisivo, determinante para o futuro. “Para Paulo o processo da salvação tinha que ter um começo. Sem um comprometimento consciente não podia continuar”⁴¹².

Quando Paulo falava do início do caminho do discipulado, não usava a linguagem de conversão e arrependimento – como também não encontramos no EvJo. “Paulo enfatizava menos o ‘afastamento de’ e mais a ‘dedicação a’”⁴¹³. De qualquer modo, mais importante que a terminologia usada, o ponto-chave é que para ele a vida cristã tinha começo claro. Não podemos duvidar que a maioria dos seus leitores originais fosse capaz de lembrar-se bem do dia em que se tornaram ‘cristãos’⁴¹⁴.

Paulo usa muitas metáforas: justificação “metáfora legal”. Ser justificado é ser absolvido; redenção: resgate de escravo ou prisioneiro de guerra; reconciliação: paz e cooperação entre partes inimigas; gozar de cidadania diferente daquela da cidade ou região dentro da qual se encontra (cf. Fl 3,20); salvação: como resgate, saúde física, preservação; herança, vestir, despir; irrigação (cf. 1Cor 3,6-8; 12,13); cântaro de água derramado (Rm 5,5); enxerto (cf. Rm 11,17-24), colheita (cf. Rm 8,23); “carimbo” como marca de propriedade (cf. 2Cor 1,22, etc.); ἀρραβών como primeira prestação e garantia do que ainda seguiria (cf. 1Cor 5,5). Neste contexto deve-se destacar o verbo santificar, que

⁴¹⁰ DUNN, J.D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 376.

⁴¹¹ Cf. *Ibidem*, pp. 377-378: “Os aoristos de Paulo, constantemente, lembram aos seus leitores essa fase inicial e o caráter determinante desta para o discipulado atual”. Ex: Rm 6,3-4; 6,17-18; 7,4.6; 8,15; 13,11; 1Cor 1,4-5; 2,12; 12,13; 15,1-2; 2Cor 1,21-22; 3,3; 4,6; Gl 2,16; 3,2-3; 5,1.13; etc.

⁴¹² DUNN, J.D.G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 379.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 380.

⁴¹⁴ DUNN, J.D.G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 381.

“denota a ação inicial, pela qual indivíduos eram separados para o discipulado”⁴¹⁵. Paulo também compara o tornar-se cristão a um noivado com Cristo (cf. 2Cor 11,2) e o ser cristão ao casamento com Cristo (cf. 1Cor 6,17); estas metáforas manifestam a realidade da experiência do novo começo para Paulo, até porque imagens de nascimento, casamento e morte se usam para algo que muda a vida⁴¹⁶. Porém, a mais poderosa de todas as imagens é a “nova criação” (2Cor 5,17; Gl 6,15).

Pode-se afirmar que a concepção de Paulo é o fruto maduro do caminho que faz a tradição bíblica que parte do “serviço profissional” até todo aquele que crê que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, isso em qualquer tempo e em qualquer lugar.

5.3.1. A Gênese do discípulo (Fl 3,12e; Jo 15,3).

Não encontramos nem na carta aos Filipenses, ou qualquer outro escrito de Paulo, nem no EvJo um tratado sobre o discipulado. Mas de algum modo, todos os escritos do NT se ocupam com o acesso das pessoas aos bens salvíficos. Daí ser relevante a pergunta sobre os pressupostos de cada estrato bíblico a respeito da relação do ser humano com Deus a partir da sua manifestação histórica em Jesus Cristo.

Sendo assim, pode-se colocar a questão da gênese do discipulado também no testemunho paulino de sua vocação (Fl 3,1-16) e na metáfora da videira (Jo 15,1-8)⁴¹⁷. Eis dois extratos textuais que identificam o que designamos por gênese do discípulo:

⁴¹⁵ Rm 15,16; 1Cor 1,2; 6,11; Ef 5,26.

⁴¹⁶ Cf. DUNN, J.D.G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 384-385. “Uma descrição racional muitas vezes é inadequada para captar a qualidade real de experiências estéticas ou profundamente emocionais” (*Idem*, p. 386). A diversidade das metáforas indica também as riquezas dos casos individuais.

⁴¹⁷ Uma leitura do EvJo a partir da perspectiva do discipulado permite confirmar esta tese de que na base dos escritos está a questão do discipulado, ou mesmo do modo de usufruir da manifestação de Deus em Jesus de Nazaré. Eis alguns textos do EvJo: A indicação de João do “Cordeiro de Deus” marca a irradiação de interesse por Jesus e o início do grupo dos discípulos (Jo 1,29-51); As bodas de Caná: a descoberta do vinho melhor e do Esposo (Jo 2,1-12); A samaritana que busca água e lhe é oferecida uma “água viva”. (Jo 4,10: ὕδωρ ζῶν.); A decisão de Pedro manifestada na questão que exclui alternativa: “a quem iremos, tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68); O cego “curado” por Jesus se vê na condição potencial de discípulo; quando lhe é feita a proposta ele adere: “eu creio Senhor.” (Jo 9,38b); A percepção de Jesus como o bom pastor: “minhas ovelhas

- a) Fl 3,12e: ἐφ' ᾧ καὶ κατελήμφθην ὑπὸ Χριστοῦ [Ἰησοῦ]. “pelo fato de que eu tenha sido alcançado por Cristo Jesus”. Paulo o perseguia até ser encontrado por ele. Este é o ponto zero. Ser encontrado por Cristo “indica nada mais que a experiência de tornar-se um cristão”⁴¹⁸.
- b) Jo 15,3: ἤδη ὑμεῖς καθαροί ἐστε διὰ τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν. “vós já estais limpos por causa da palavra que vos falei”. “Puro é aquele que permitiu que nele acontecesse o serviço de Jesus (13,10 – lava-pés)”⁴¹⁹.

A questão que pode vir ao ouvinte-leitor é: o que fazer para ser alcançado? Como saber se já o foi? Não se faz algo para ser alcançado, senão se colocar no raio de ação de Jesus Cristo. Quem foi alcançado sabe que o foi, o dinamismo interior e de atitudes exteriores o demonstram, inclusive para que os de fora o percebam. “Ser encontrado” é a evidência da precedência deste fato para que então depois seguisse a corrida de Paulo para alcançar a Cristo.

Carece ainda evidenciar o caráter fundante da purificação por meio da palavra para que nasça o discípulo. Não se purifica por algum rito ou ação própria. A purificação dos discípulos, figurada no ato simbólico do lava-pés (Jo 13,1-15) remete à expiação feita pela oferta que Jesus faz da sua vida (Jo 17,19a: ὑπὲρ αὐτῶν ἐγὼ ἀγιάζω ἑμαυτόν), dado ser este o grande serviço prestado por Jesus aos seus. Na cruz, a palavra se torna pesada e densa por meio do gesto e, por isso, eficaz.

Antes de ir adiante, convém aproximar alguns conceitos: purificação, Palavra e discipulado. Como já foi estudado acima sobre a perícope da videira, esta Palavra dita (3bc τὸν λόγον ὃν λελάληκα) vai além dos discursos, esta palavra é o próprio Jesus, de quem os discursos e sinais são irradiação. A respeito da ação da Palavra na purificação, pode ser afirmado que antes de receber esta Palavra não há discípulo, ele nasce com a acolhida da vida doada por Jesus, dom purificador, acolhimento feito como ouvinte que se deixa podar por ela. Só se torna “filho de Deus” quem o recebe.

A este ponto o estudo requer remarcar algo que sempre será importante: o que Karl Rahner chama “a reflexão sobre o essencial”⁴²⁰. O essencial do discípulo

conhecem a minha voz” (Jo 10,27); Uma nova lógica de vida para o discípulo: o grão de trigo morrer (cf. Jo 12,24); o mestre me lava os pés: “deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14).

⁴¹⁸ DOUGHTY, D.J. Citizens of Heaven. Philippians 3,2-21. *NTS*, n. 41, 1995, p. 117.

⁴¹⁹ BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 488.

⁴²⁰ RAHNER, K. *O desafio de ser cristão: Textos espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 7.

não é o que faz, mas qual é a sua fonte de vida, o que o determina de forma mais radical. O discípulo não começa por uma “desconfiança do mundo”, ou uma mudança na qual Jesus fosse uma mera “motivação”. O discípulo nasce quando se dirige diretamente a ele, aceitando serem quebrados todos os critérios e valores anteriores e feita renúncia o poder histórico construído pelo ser humano em revolta contra Deus⁴²¹. O discípulo nasce de uma obediência, pois “somente quem crê obedece, e somente quem obedece crê”⁴²². “O chamado de Jesus exige total corte com o passado”⁴²³, mais ainda, o chamado não só exige, mas também possibilita o corte com o passado, pois apresenta ao discípulo o novo futuro. Ao nascer para o discipulado, “o discípulo é jogado para fora da relativa segurança da vida na absoluta falta de segurança, mas, na realidade, na absoluta segurança e tranquilidade da comunhão com Cristo”⁴²⁴.

No horizonte do EvJo, Jesus está no centro da novidade de Deus para o ser humano. Mais que seus milagres e ensinamentos, é a fé nele que determina ter a vida eterna. Ao apresentar-se como o pão da vida, Jesus se coloca no lugar da Torá. Se nem só de pão podia viver o povo no deserto e por isso a revelação do Sinai se encarregou de confiar, por meio de Moisés, o maná espiritual, *dabar* que sai da boca de Deus; este pão vivo se come com a decisão de crer que Jesus é o Messias o Filho de Deus. Em uma palavra, que Jesus basta.

A reflexão de Jesus Palavra irá nos levar até a revelação do Sinai. A Palavra que vem do céu sobre a terra (cf. Is 55,10s) é antes de tudo a *Torá*, mas também a vontade divina manifestada pelo profeta, porta-voz do “oráculo do Senhor”. Ademais, a concepção da Torá como a Palavra/Pão que sai da boca de Deus, sem a qual o homem não vive, é o pressuposto do escândalo dos ouvintes e discípulos segundo Jo 6,60.

O que dizer da concepção paulina da justificação pela fé (Fl 3,9 ef: τὴν ἐκ θεοῦ δικαιοσύνην ἐπὶ τῇ πίστει)? Não é também a constatação de que Jesus basta? Qualquer necessidade fora dele é tornar vã a cruz de Cristo. Quando Paulo coloca a fé no lugar da observância da Lei, o que ele faz é colocar Jesus no lugar da Lei. A relação adequada com Deus se dá na relação de visceral dependência de

⁴²¹ Cf. BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, pp. 511-512.

⁴²² BONHOEFFER, D. *Sequela*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 43.

⁴²³ WEDER, H. Disciple, discipleship. In: FREEDMAN, D.N. et al. (orgs.). *Anchor Bible Dictionary*. New York/London/Toronto/Sydney/Auckland: Doubleday, 1992. V. 2. p. 208.

⁴²⁴ BONHOEFFER, D. *Sequela*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 37.

Jesus Cristo. Nenhum outro ponto é fonte de vida para o discípulo. Num e noutro lugar Jesus está ao centro, mais, ele é o conteúdo e não se pode dar outro conteúdo sem trair a essência do cristianismo, dado que “ele é, na sua vida e morte, a pergunta do homem e a resposta de Deus ao mesmo tempo: Jesus de Nazaré”⁴²⁵.

Todas as tensões presentes nas cartas paulinas estão, de algum modo, ligadas ao fato de alguém propor algo alternativo que poderia distrair do foco de Cristo como o centro e como suficiente. Que dizer da reprimenda aos gálatas da passagem a “outro evangelho” (Gl 1,6)? Ou dos inimigos da cruz de Cristo na comunidade de Filipos (cf. Fl 3,18)? Conforme está, também, o EvJo que faz depender de Cristo a posse da vida eterna (Jo 3,16) e total frustração para quem se negar a nele crer (Jo 3,18).

O discípulo não nasce por alguma ação própria, mas com a acolhida gratuita de um dom que lhe é oferecido. Isso nem de longe leva ao *quietismo* ou intimismo, pelo contrário, destaca a qualidade do que começa, e que vai além de tudo que podemos nós construir. A metáfora usada por Paulo para falar de sua gênese para o discipulado supõe que alguém esteja a caminho, indo na direção e, por um fato inaudito, não preparado com cálculos, é alcançado. O vocabulário fala de ser alcançado, correr, deixar algo para trás e voltar-se para frente, ser encontrado (Fl 3,9 εὐρεθῶ). O verbo εὐρίσκω não é um termo técnico nem no AT nem no NT para falar da relação do ser humano com Deus. “Predomina, porém, o sentido de uma descoberta surpreendente e de uma iluminada compreensão”, ou ainda, “descobrir um estado *numinoso* de coisas”⁴²⁶.

Quando o povo se coloca a caminho da terra da promessa, no deserto lhe é pedido construir uma “tenda do encontro” (אֹהֶל מוֹעֵד)⁴²⁷, ou mesmo uma tenda para o encontro, onde Deus marca encontro ou se encontra. Ele se encontra com Moisés e com o povo (cf. Ex 29,42-43; 30,36). Deus providencia um modo de estar acessível. Esta tenda é, porém, passageira; deverá dar lugar ao templo, sendo ela um “santuário itinerante”⁴²⁸.

⁴²⁵ RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*: Textos espirituais. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 39.

⁴²⁶ PREISKER, H. εὐρίσκω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1963. V. 3. col. 1192.

⁴²⁷ Aparece também a expressão אֹהֶל הַתְּעוּדָה “tenda do testemunho”. A LXX traduz tanto uma como a outra com σκηνη τοῦ μαρτυρίου.

⁴²⁸ MONLOUBOU, L; BUIT, F.M., Tenda. In: *Dicionário Bíblico Universal*. S.I: s.n., [19_], , p. 782.

Jesus é a tenda armada entre nós (cf. Jo 1,14 ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν). Deus encontra um modo de nos encontrar. A tenda móvel do deserto é definitivamente substituída pelo Verbo Encarnado, nele Deus nos encontra e nós encontramos Deus. Este encontro é entre pessoas livres em que o amor não cega, mas abre os olhos para conhecer sempre mais. Esta é a experiência narrada por Paulo e acessível ao ouvinte-leitor de todos os tempos.

O discipulado sempre será mediado pela Palavra e exigirá fé para aderir. Dos contemporâneos de Jesus foi exigido que vissem naquele Nazareno a Palavra definitiva de Deus. Paulo e João abrem um caminho para as gerações no qual o chamado de Jesus se dá por um novo modo de mediação: o anúncio da Palavra que chama. Como escutar ainda hoje o “segue-me”? No anúncio da Palavra se dá a chamada de atenção. A narração de uma experiência é, em sentido profundo, anúncio que espera resposta. A narrativa do dinamismo de discipulado de Paulo coloca as seguranças do ouvinte-leitor sob análise. Na imagem da videira se contempla algo que ainda hoje se pode viver: a permanência em Cristo.

Jesus continua vivente na Igreja, comunhão dos discípulos, e na pregação dessa mesma Igreja. É possível escutar esta palavra com a mesma densidade de significado e exigência de radicalidade. O pressuposto era a fé, que deveria ver naquele Nazareno, o Cristo. As pessoas de todos os tempos serão colocadas diante do mesmo Cristo na Palavra e nos sacramentos da Igreja. “Jesus e o seu chamado não são diferentes hoje de então.”⁴²⁹

5.3.2.

O processo de construção do discípulo: A poda como perda para ganhar.

No que pode ser chamado de itinerário, há um caminho desaconselhado, como já foi indicado na função comunicativa; o discípulo deve afastar-se de qualquer proposta de centrar sua busca sobre si, sobre suas capacidades. O caminho adequado exige a expropriação e reconstrução na dependência de um Outro.

⁴²⁹ BONHOEFFER, D. *Sequela*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 202.

5.3.2.1.

Caminho inadequado: confiando na carne ou por si mesmo (Fl 3,4a; Jo 15,4c).

Tanto Paulo como João, ambos estão em tensão com seu ambiente. Paulo está em tensão com a compreensão religiosa dos seus oponentes. João tem como adversário potencial o mundo, pois “assim como Jesus foi um estranho no mundo, também o são os crentes que lhe pertencem”⁴³⁰.

Como pano escuro no fundo do ato da gênese do discípulo, está a alternativa autocentrada, aquela corrida perseverante, mas fora da estrada. O “confiar na carne” (πεποιθέναι ἐν σαρκί Fl 3,4c) ou o “por si mesmo” (ἄφ’ ἑαυτοῦ Jo 15,4c) se correspondem. Desta tentativa a história narrada nas Escrituras dá muitos testemunhos. Ela é emblematicamente condenada no profeta Jeremias: “Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR! Maldito o homem que confia no homem” (Jr 17,5).

A autossuficiência está à base do pecado de Adão (cf. Rm 5,12-21): o ser humano que quer bastar-se a si. Não precisamos colher do fruto para ser como Deus, isso não acontece senão com a ação dele em nós; isso é dom e deve ser acolhido, não colhido. Não “por si mesmo” (Jo 15,4 c ἄφ’ ἑαυτοῦ), mas por ele (Fl 3,8c δι’ ὄν), com ele e “nele” (Fl 3,9a ἐν αὐτῷ). A fé exige superar o cálculo, não querer ser providência a si mesmo. Na “própria justiça” (Fl 3,9b μὴν δικαιοσύνην) está a nossa afirmação, na obediência, a afirmação da vontade de Deus. Misteriosamente, a afirmação do ser humano passa pela oferta de si, o “sacrifício racional” que agrada a Deus (Rm 12,1 λογικὴν λατρείαν). A inteligência do homem autocentrado sempre fará ídolos, coisas que o frustram.

A confiança em si é fruto do cálculo. Não se vive da providência e do dom. Por isso a preocupação e a luta. São dois estilos de vida bem marcados: confiar em si ou confiar em Deus. O gloriar-se em Cristo é a marca da existência cristã, pois “ninguém, por si mesmo [ἄφ’ ἑαυτοῦ], é suficientemente forte para percorrer o caminho da salvação até o fim”, nem sequer “nossa moralidade pessoal não basta para venerar de modo justo a Deus”⁴³¹.

⁴³⁰ BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 513.

⁴³¹ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 142.

Querer fazer por si mesmo, que corresponde ao confiar na carne, é buscar “o sucesso sem a cruz”, tentativa de quem “confia nas suas próprias forças”⁴³². Em Fl 3,4-6, Paulo rejeita as vantagens do judaísmo. “A antítese entre ‘gloriar-se em Cristo’ e ‘confiar na carne’ reflete a dicotomia entre a comunidade fiel e o mundo como tal”⁴³³.

5.3.2.2.

O caminho adequado: Tudo por ele, nada sem ele (Fl 3,8c; Jo 15,5f).

- a) δι’ ὃν τὰ πάντα ἐζημιώθη “tudo perdi por causa dele” (Fl 3,8c)
- b) χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν. “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5f)

A dependência do discípulo em relação a Jesus Cristo é total. Não se entende um discípulo senão na sua comunhão com ele. Cada cristão (= discípulo) deve fazer sua entrada na obediência de Cristo. Paulo se considera totalmente arrastado para dentro da obediência de Cristo⁴³⁴. Jesus é a encarnação de Deus. Ele é a epifania do amor onipotente. Não há nada de mágico no cristianismo, tudo passa por meio da lógica do grão de trigo, a lógica da entrega; esta é a força mansa de Deus. Quem deseja participar da novidade inaugurada por Cristo “tem de desapegar do heroísmo das próprias ações e aprender a humildade do discípulo”⁴³⁵.

No “tudo” (τὰ πάντα) da perícopa (Fl 3,8c) ecoa o tudo proposto por Jesus ao jovem que desejava possuir a vida eterna (Mc 10,17-22 e par.). Sua partida triste testemunha um projeto de vida em que a lógica da perda não entra. “Por causa de quem todas as coisas foram perdidas” (Fl 3,8c); não é um asceta, é um enamorado que fala. Só se conta da perda depois; o foco não é perder, sim ganhar o *plus*. Se o ajuizamento dos valores faz parte do processo de crescimento do discípulo, em algum momento ele precisa convencer-se de que Jesus corresponde

⁴³² *Ibidem*. Muito próxima da atitude de fazer por si mesmo é a de minimizar a exigência comprometedoras que a vida em Cristo requer. A este respeito é paradigmático o texto de Bonhoeffer sobre a “graça a preço baixo”: “Graça a preço baixo é anúncio do perdão sem arrependimento, é Batismo sem disciplina de comunidade, é Santa Ceia sem confissão dos pecados, é absolvição sem confissão pessoal. Graça a preço baixo é graça sem que se siga Jesus, graça sem cruz, graça sem o Cristo vivente, encarnado.” (cf. BONHOEFFER, D. *Sequela*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 23).

⁴³³ DOUGHTY, D. J., *Citizens of Heaven*. Philippians 3.2-21. *NTS*, n. 41, 1995, p. 111.

⁴³⁴ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 215.

⁴³⁵ *Ibidem*, p. 74.

profunda e superabundantemente à verdade de sua busca. Como entender Paulo fora deste processo reflexivo? Ao jovem indicado na perícopes sinótica não faltou só generosidade, ou obediência; faltou-lhe inteligência. Ele se contentou com algo que já se apresentava insuficiente, deixando escapar a medida superabundante do que buscava: Jesus. Não é isto que o texto da perícopes aos Filipenses testemunha? Que dizer da fecundidade prometida pela permanência em Cristo na perícopes da videira? Também lá está testemunhado que Jesus basta, nele está tudo que se precisa para uma existência repleta de vigor e produtividade. Aqueles textos (Fl e Jo) indicam algo que vai além do que capacita o discípulo a fazer coisas, indicando, sobretudo, o que ele experimenta e recebe deste vínculo. Se sem ele nada pode ser feito, com ele tudo se recebe do Pai. O tudo que se recebe não são coisas, é o tudo que está em Cristo, sua vida. Tanto para Paulo quanto para João, com a fé (ou com o crer) em Jesus já estabelece algo novo da relação do discípulo com ele e esta relação não é estéril, ela renova o discípulo, porque lhe faz participar realmente da vida do homem novo, que é o Cristo⁴³⁶.

No texto joanino, o discípulo é desaconselhado a tentar fazer-se fora de Cristo (Jo 15,5f $\chi\omega\rho\iota\varsigma \epsilon\mu\omicron\upsilon$). Na perícopes paulina a experiência de tudo perder por Cristo (cf. Fl 3,8c). As exigências para ser discípulo, presentes nos ditos de Jesus nos sinóticos, são cumpridas de forma cabal por quem decide tudo perder por causa dele. Na busca do caminho adequado, as perícopes têm um testemunho comum a dar: centrar todas as forças em Cristo, no seu mistério a ser atualizado no discípulo, seja pela conformação (Paulo) seja pela permanência nele (EvJo).

Portanto, a fonte da gênese do discípulo é o momento da docilidade da criatura que se deixa determinar por aquele que se adianta e se propõe como sentido pleno, vida abundante, existência densa e caminho de plenitude. Não é possível determinar a distinção entre o momento da proposta e o da resposta. É teologicamente forçoso afirmar, porém, que a oferta tem precedência.

⁴³⁶ A afirmação de Ef 4,24 “revestir-se do homem novo” é paralela àquela de Gl 3,27: “vestistes de Cristo”. “O homem novo é o homem determinado por Cristo” (SCHNACKENBURG, R. L'uomo nuovo. Centro della comprensione Cristiana del mondo. In: METZ, J.B. et al. *Comprensione del mondo nella fede*. Bologna, Dehoniana, 1969, p. 245).

5.3.2.3.

Permanecer em Cristo: O ambiente vital de desenvolvimento do discípulo (Fl 3,9a; Jo 15,5c)⁴³⁷

A Cristologia é o fundamento do discipulado, portanto da eclesiologia e também o fundamento da vida moral⁴³⁸. A vida cristã mostrada no texto consiste em atualizar em si a vida de Jesus: se está mais adequado quanto mais os valores de Cristo forem os do discípulo, adequação de sentimentos, de mente. Não é em vão que se busca “conhecer a Cristo”. Toda e qualquer norma que distraia da conformação com Cristo é obsoleta para o discípulo. Tudo o mais é escolhido e acolhido em função desta relação com Ele, pois a formação do discípulo é “uma verdadeira cristificação que determinará um novo estilo de viver”⁴³⁹. A pertença a uma comunidade de fé, uma vocação específica, ou qualquer empreendimento na vida deverá ser valorado a partir do vínculo vital com Jesus Cristo; a ordem não pode ser trocada. Por outro lado, as comunidades de discípulos terão como critério de vivacidade o quanto propicia aos discípulos este processo de cristificação.

A cristologia está no centro do discipulado. Com ele tudo começa, nele a consistência, a existência cristã e para ele tudo tende. Para responder a questão de “quem é Jesus?”, a perícopos paulina estudada (Fl 3,1-16) precisaria lançar mão de Fl 2,6-11. Esta é o ícone que a perícopos em estudo tem diante de si: Jesus é aquele que se esvaziou pela obediência até a morte e morte de cruz, por isso, o Pai o exaltou e lhe deu o nome de *Kyrios*. Essa é a justificativa para que Paulo se proponha também ele tudo perder para ganhar a Cristo. Aliás, não há possibilidade de ganho sem a perda, não se enche da vida de Cristo quem estiver cheio de confiança na carne.

O discípulo tem um ambiente vital de gestação. Ele vai para *dentro de* Cristo (Rm 6,3b: ἐβαπτίσθημεν εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν), se veste de Cristo (Gl 3,27b: Χριστὸν ἐνεδύσαθε.) para nele viver. “Cristo é concebido como ‘lugar’ no

⁴³⁷ BARRETT, C.K. *The Gospel according to John*. Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text. 2. ed. London: SPCK, 1978, p. 47 : “one of the most characteristic Pauline phrase is ἐν Χριστῷ. Similarly, in John, and specially in the last discourses, Jesus bids the disciples to ‘abide in’ him, as He promises to ‘abide in’ them. Here the parallelism is close”.

⁴³⁸ Cf. ALETTI, J.-N. Le statut de l’Église dans les lettres pauliniennes. Réflexions sur quelques paradoxes. *Bib*, v. 83, n. 2, 2002, pp. 173-174. Este autor descarta que Paulo tenha tido uma eclesiologia do povo de Deus que tenha passada a ser uma eclesiologia do corpo de Cristo; para ele essa ideia deverá ser abandonada, pois a “cristologização” é da natureza da Igreja, particularmente em tensão com a sinagoga.

⁴³⁹ BINGEMER, M.C.L. Discípulos de Jesus hoy. Fundamentos bíblicos para una hermenéutica teológica. *TheXa*, v. 156, 2005, p. 577.

qual o convertido é ‘inserido’ e no qual os crentes se encontram.”⁴⁴⁰ Admitido que o permanecer da parte do ser humano seja sua fidelidade, como já foi afirmado, deve-se acrescentar com Bultmann que “a fidelidade que se exige não é primariamente um constante *ser-para*, senão um *ser-de*, não um manter-se, senão um deixar-se manter, como corresponde à relação dos ramos e da videira”⁴⁴¹.

Nas perícopes estudadas, a esfera de vida e ação é indicada por ações verbais que indicam estabilidade nele: “encontrar-me nele” (Fl 3,9a: εὐρεθῶ ἐν αὐτῷ) e “aquele que permanece em mim” (Jo 15,5c: ὁ μένων ἐν ἐμοί)⁴⁴². Esta é a referência de fonte propulsora da vida. É a própria fonte da vida. Nele está toda a energia que irriga as escolhas e decisões do discípulo. Ele é o parâmetro de juízo para tudo o mais; é o critério de análise de tudo o mais. Estar nele é aceitar viver segundo sua própria lógica de entrega. Ser discípulo é aceitar a vida dele como movente de fundo da própria. Os gostos, emoções, impulsos tudo vai sendo conduzido à conformação com Cristo. Não se trata de um nível emocional ou de um momento; é a definição estrutural do que chamamos discípulo. Trata-se de algo estável, permanente, pois “a novidade só pode derivar do dom da comunhão com Cristo, do viver nele”⁴⁴³. Estas são escolhas cheias de convencimento e decisão.

No horizonte dos escritos paulinos, o sintagma ἐν Χριστῷ dá tom ao específico ser e agir do discípulo. Quando se refere ao agir do discípulo, Paulo usa também “segundo o Espírito” (κατὰ πνεῦμα Rm 8,4.5), de acordo com o que o Espírito sugere àquele que pertence a Cristo. A vida em Cristo, ou segundo o Espírito, é a vida fruto da libertação da morte, do pecado e da Lei. O homem novo não está submetido ao sistema de Adão: sistema no qual o homem interior perde sua capacidade de fazer o que quer, pois a “força de pecado” incita as paixões carnis e ele, sem a obediência da fé, se propõe a sair do sistema por meio da

⁴⁴⁰ DUNN, J.D.G. *A teologia Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 468. Já agora, por obra da graça, se pode experimentar a humanidade redimida por meio do “ser em Cristo”. Esta novidade só se encontra realizada em Cristo e no âmbito da sua influência e do seu domínio (cf. SCHNACKENBURG, R. *L'uomo nuovo*. Centro della comprensione Cristiana del mondo. In: METZ, J.B. et al. *Comprensione Del mondo nella fede*. Bologna: Dehoniana, 1969, p. 248).

⁴⁴¹ BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, pp. 411-412.

⁴⁴² À diferença de Paulo, João se refere também ao Pai; jamais com o Espírito (cf. col. 576). Em João: ἐν com εἶναι: (10,38;14,10a.11.20; 17,21.23.26; 1Jo 2,5b); com μένειν: (6,56; 14,10b; 15,4.5.6.7; 1Jo 2,6.24.28; 3,6.24; 4,12.13.15.16)

⁴⁴³ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 68.

observância da Lei, que é um caminho fadado ao fracasso. O homem novo se encontra no “sistema de Cristo”. Ele entra aí pela participação e conformação com a morte e ressurreição de Cristo. Em Cristo ele vive, pela obediência da fé, sob a graça. “Ser encontrado nele” (Fl 3,9a) é participar da nova vida e do novo modo de viver. Os discípulos “nele se devem imergir, dele devem ser como que ‘revestidos’”⁴⁴⁴.

Estar em Cristo indica participar do conjunto dos mistérios que compõem sua páscoa: sofrimentos, morte e ressurreição, “em certo sentido o evento da paixão e ressurreição de Cristo deve ser repetido nos crentes, até que seja completa a renovação da nova era”⁴⁴⁵. O evangelho de Paulo não admite afirmar que os pecadores confiantes escapam da morte, mas que participam da morte de Cristo⁴⁴⁶. O discípulo participa do amor que redime o mundo; o amor que “tira” o pecado do mundo. Arrastados para a obediência de Cristo partilham com ele do sofrimento que a paga da revolta do mundo a Deus que lhe oferece gratuitamente a vida, mas não lhe permite que essa seja arrancada com a soberba de quem confia na carne.

A relação com Cristo – o *ser de* –, no nível proposto por Paulo, faz de todo discípulo um seu embaixador plenipotenciário no que diz respeito ao seu “*ser para*”. Ao discípulo é concedido tudo viver a partir da novidade inaugurada por Cristo. A atitude de Paulo só é compreensível se admite uma existência cristã baseada na obediência. Só faz o que fez Paulo quem, em um momento da vida, se tenha percebido livre da força que se interpõe entre a palavra de Jesus e a obediência.

Como traduzir isto para a vida concreta? Começa por não se permitir viver nada na individualidade fechada; há sempre outros e, sobretudo Outro a quem minhas experiências vividas e escolhas feitas envolvem. Segue com a firme convicção de que já participou de uma vida não reduzível a “este” mundo, mas que vive de uma esperança que transcende o presente sem deixar de ser o fio de ouro que une cada momento. Por outro lado, esta participação da vida nova inaugurada pela nova criação em Cristo tira-nos do marasmo de baixa valoração da vida presente, pois ela já está grávida da força de ressurreição.

⁴⁴⁴ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 90.

⁴⁴⁵ DUNN, J.D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 462.

⁴⁴⁶ *Ibidem*, p. 444.

O EvJo faz da decisão de crer ou não crer em Jesus o momento do juízo. Crer é ter a vida eterna, que é o conhecimento de Jesus Cristo e daquele que o enviou. Como já foi dito, a percepção de que Cristo basta. Tudo está nele, ele é a fonte da água viva prometida, ele é o pão da vida; ele dá o vinho melhor. Essas metáforas estão carregadas de significado quando vistas no horizonte semântico do AT. Ao sermos inseridos nele, como ramos na videira, a nossa individualidade é aberta, libertada do seu egocentrismo; ele é o centro de referência existencial para o discípulo. Mais que um ponto de imitação, se trata de ceder a vida para que, permanecendo nele ele permaneça em nós. Esta imanência recíproca é chamada “mística” por falta de um termo mais adequado. Místico quer dizer algo não físico, não quantitativo⁴⁴⁷. Algo mais que moral, mais que intelectual. No que se pode dizer mística joanina, “não há nenhum traço de influência do gnosticismo ou da mística helenística. É a visão propriamente cristã”, algo como “a tomada de consciência da presença de Deus em nós e de nós em Deus”⁴⁴⁸. No EvJo há um permanecer moral, ligado à obediência: permanecer no amor. O essencial para o discípulo é permanecer em Jesus, mais que dizer onde ele permanece.

O sintagma paulino é mais dinâmico e indica um futuro que Paulo já experimenta: ele já se encontra em Cristo! O *mashal* da videira usa um verbo permanecer como condição para se tornar discípulo. A promessa ficará sempre voltada ao futuro, conquanto seja realizada a condição⁴⁴⁹.

5.3.2.4.

Correndo para Cristo e buscando a glória do Pai: A reserva escatológica (Fl 3,12abcd.14a; Jo15,8bc)

- a) Οὐχ ὅτι ἤδη ἔλαβον ἢ ἤδη τετελείωμαι, διώκω δὲ εἰ καὶ καταλάβω, “Não que eu já tenha tomado posse ou que já tenha sido feito perfeito, eu prossigo pois se também ancanco” (Fl 3,12abcd); διώκω εἰς τὸ βραβεῖον τῆς ἄνω κλήσεως τοῦ θεοῦ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ “de acordo com a meta, eu prossigo para o prêmio da alta vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3,14).

⁴⁴⁷ Há no EvJo também o permanecer em sentido físico: Jo 1,40; 10,39;.

⁴⁴⁸ DE LA POTTERIE, I. L’emploi Du verbe “demeurer” dans la mystique johannique. *NRT*, n. 117, 1995, pp. 856-857.

⁴⁴⁹ *Ibidem*, p. 850.

- b) ἵνα καρπὸν πολλὸν φέρητε καὶ γένησθε ἐμοὶ μαθηταί. “A fim de que produzais fruto e vos torneis meus discípulos” (Jo 15,8bc).

“A exemplo de Paulo, João compreende a existência do crente como existência escatológica e, como Paulo, também em João a relação de indicativo e imperativo é compreendida como relação dialética”⁴⁵⁰. Há um dinamismo: o dom acolhido pela permanência ou pelo fato de “ser encontrado”, isso fecunda a vida e a faz propulsora de irradiação de algo cuja fonte não é ele próprio. O discípulo está num *faciendo*. Há uma tensão para frente, para a plenitude do dom. Há um ponto zero, um dinamismo crescente, um ambiente vital e, finalmente, uma reserva escatológica que tudo atrai e porque ligada ao ponto zero, tudo dá sentido. Jesus está no início, no processo e na conclusão⁴⁵¹.

O ouvinte-leitor é orientado também sobre o “ainda não” resultante do conhecimento de Cristo. Esta reserva escatológica é uma componente que dinamiza a existência cristã, a *reserva escatológica* ajuda a manter a *tensão ética*. Esta é uma tradução neotestamentária do desejo *videndi Deum* do AT. O discípulo possui as primícias, mas não a totalidade da colheita. A comunicação da perícopa choca com um otimismo propenso a uma escatologia plenamente realizada enquanto se está a caminho. As metáforas do atletismo comunicam ao ouvinte-leitor a dimensão agonística da vida cristã. O ouvinte-leitor recebe com facilidade a comunicação do texto: para se adquirir a vitória é preciso lutar. A corrida não é a esmo, mas para o prêmio. Há clara superação da visão estática da relação de conhecimento. O atleta/discípulo não pode se encantar com o percorrido nem desanimar com o caminho a fazer. O “já” não o estagna, nem o “ainda não” o faz arrefecer a corrida. Ele sabe não ter recebido tudo, mas sabe onde encontrar a plenitude; ela está em Cristo. Cristo está no início, no processo e no fim. O discípulo é encontrado por ele, busca conhecê-lo, sabendo que o fim de tudo é o prêmio que está nele. Este é o justo modo de pensar.

Por outro lado, o fato de o “já” não ser o resultado da corrida do discípulo, mas do dom de Cristo que vem ao encontro, faz purificar toda tentação de autossuficiência. A mensagem forte é que a corrida do discípulo começou quando

⁴⁵⁰ BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 554.

⁴⁵¹ Cf. FORTE, B. *Para onde vai o cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003, pp. 123-136: ao falar de uma “agenda cristã para o início do novo milênio”, ele chama a atenção para o risco do esquecimento da “reserva escatológica”.

o movimento de salvação realizado por Cristo na história de algum modo o alcançou⁴⁵²; esta corrida perdurará até o prêmio.

Aqui entra a questão colocada por Hans Küng: “os não cristãos também pleiteiam amor, justiça, sentido da vida, bondade no ser e no agir, humanidade. [...] Ora, se outros querem o mesmo, para que ainda o cristianismo?”⁴⁵³. Mas esta não é essência do ser cristão! O que esperamos não está no que ainda podemos fazer. Nossa esperança está no que os olhos não viram e o coração humano nem pressentiu⁴⁵⁴. Embora queiramos aquelas coisas como os que não creem, nós as queremos por uma obediência. O que explica pelo fato de que “temos uma estranha esperança que se revela precisamente quando parece não haver nenhum futuro, uma alegria suficientemente grande para nela caber a tristeza, uma liberdade que culmina em doar nossa vida. Isso exige de nós coragem, que é um amor tão forte à vida que estamos preparados para a morte”⁴⁵⁵.

O discípulo vive cheio de gratidão pelo que já experimenta, por “permanecer” em Cristo, mas isso não o faz resfriar na tensão ética – aliás, com o ser alcançado por Cristo desencadeia-se esse processo de tensão para o pleroma. Por outro lado, o que ainda não se cumpriu marca sua esperança de plenitude. Não há resignação nem desespero; como Paulo ele prossegue para alcançá-lo. A plenitude não é alguma coisa, é sempre Cristo, ele é o conteúdo e a medida da esperança. O tempo do fim não só se aproximou como chegou. Na apocalíptica a imagem é de que o relógio foi adiantado para cinco minutos antes das doze horas, para Paulo, em Cristo, o sino começou a tilintar⁴⁵⁶.

Há um espaço não mensurável cronologicamente entre a gênese do discípulo e sua plenitude de realização em Cristo. O discípulo sabe que a “plenitude faz parte do ainda não”⁴⁵⁷. Por isso, “Paulo considerava o sofrimento como aspecto integrante da tensão escatológica”, pois para ele “o poder da ressurreição de Cristo manifesta-se, e isso inseparavelmente, também, como participação nos sofrimentos de Cristo. O processo de salvação é processo de

⁴⁵² No cristianismo o discípulo nasce do “ser alcançado”; ele é primeiramente passivo. Mesmo em pessoas como Agostinho que buscavam a verdade, foram antes alcançadas (cf. *As Confissões; Os grandes convertidos do séc. XX*).

⁴⁵³ KÜNG, H. *Ser Cristão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 15.

⁴⁵⁴ “A fé, ao perder sua tensão escatológica, está se transformando numa piedade cristão-burguesa” (BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 555).

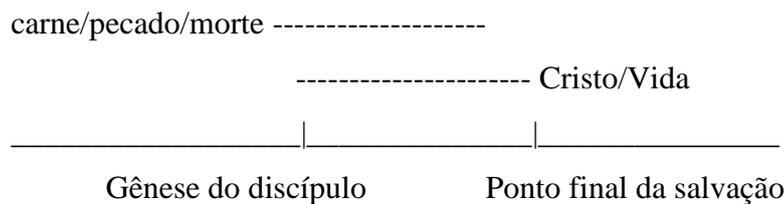
⁴⁵⁵ RADCLIFFE, T. Será que o cristianismo faz diferença?. In *Concilium*, v. 340, n. 2, 2011, p. 28.

⁴⁵⁶ Cf. BECKER, J. *Paolo, l'Apostolo dei popoli*. Brescia: Queriniana, 1996, pp. 422-423.

⁴⁵⁷ DUNN, J.D.G. *A teologia Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 534.

crecente conformidade com a morte de Cristo”⁴⁵⁸. Pode-se afirmar com Paulo que o caminho para a plenitude da vida em Cristo passa pelo sofrimento da cruz, por uma crescente conformidade com a morte de Cristo como característica continuada do ainda não: a carne do discípulo é marcada pelos sofrimentos (παθήματα) de Cristo (cf. Cl 1,24 ἀνταναπληρῶ ... ἐν τῇ σαρκί μου).

Eis um esquema do estágio do discípulo⁴⁵⁹:



A sobreposição das linhas pontilhadas da ilustração acima mostra o encontro do “não mais” (carne/pecado/morte) e do já/ainda não (Cristo/vida). O discípulo está ligado ao “mundo velho” – ou simplesmente ao mundo, segundo o EvJo. Sua participação, em Cristo, do “mundo novo” o faz estar em uma tensão. O tempo do discipulado é o tempo da formação de Cristo no discípulo; uma gestação, ou mesmo o parto (cf. Gl 4,19).

Ao lado da escatologia positiva, o EvJo indica uma possibilidade de um desfecho frustrado; a possibilidade de “alguém” (τις βα), por não permanecer em Cristo, como o ramo não produtivo que é cortado, ser lançado fora. Aqui “João recolhe a linguagem tradicional do juízo incorporando-o a sua visão: a separação de Jesus, ou seja, a incredulidade provoca o juízo”⁴⁶⁰. Diante de Jesus se dá o julgamento, na escolha de permanecer ou não está também o julgamento. Quem não permanece já está julgado (cf. Jo 5,24). “Para João a vida eterna começa aqui. E quem não consegue vivê-la aqui dificilmente aguentará uma eternidade com Jesus”⁴⁶¹. Aqui acontece o juízo. Diante da resposta a este imperativo está em jogo a “vida eterna” como a entende João. O que está em jogo é o fim escatológico, a possibilidade da “existência pascal”⁴⁶².

⁴⁵⁸ DUNN, J.D.G. *A teologia Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 548, 551-552.

⁴⁵⁹ *Ibidem*, p. 538.

⁴⁶⁰ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 145.

⁴⁶¹ KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 69.

⁴⁶² *Ibidem*, p. 57.

5.4. Elementos específicos

Aqui será destacado o testemunho próprio de cada um dos textos no horizonte da teologia própria de Paulo e do João. A relação não pode arrefecer a riqueza que avança na utilização da medida comum, pois como se entende que ao estabelecer a relação de Paulo com o EvJo de modo algum se pode reduzir os horizontes de um ao do outro. Partindo do vocabulário e da sintaxe da perícope estudada, procurar-se-á colher a semântica e o específico teológico no conjunto de cada *corpus*.

5.4.1. Elementos próprios de Paulo

5.4.1.1. Em nível morfossintático

O gênero literário “carta de amizade”, dá ao texto da carta aos Filipenses um quê de testemunho vocacional, regado com o rico vocabulário teológico próprio de Paulo. A especificidade de Paulo é testemunhada na perícope estudada. Vimos o vasto uso preposicional; seu vocabulário próprio (δικαιοσύνη, πίστις, καυχώμενοι, σάρξ, etc.) e sua construção narrativa preparada para impactar os sentimentos, enquanto fala de seu passado e o valora com a justa superestima do evento de Cristo em sua vida.

5.4.1.2. Em nível semântico

Seu ambiente helenístico, sua formação farisaica, somados a seu gênio específico fizeram nascer, como criação própria, um modo novo de olhar para Cristo e a relevância dele para o ser humano. Paulo cria uma teologia como resposta às questões que vão surgindo com sua ação missionária. Sua percepção do mistério de Cristo não é redutível ao comum do NT. Paulo faz uma teologia da experiência. A perícope da carta aos Filipenses estudada corrobora essa afirmação. Seu pensamento denso e pungente não se reduz a fáceis sistemas. Nem por isso é de todo fugidio. Para exemplificar, serão retomados os léxicos

propriamente paulinos da perícopie com a carga semântica que o conjunto dos seus escritos permite salientar.

- a) δικαιοσύνη: conceito que define aquilo que estabelece a adequada relação com Deus. O campo semântico próprio de Paulo é o campo da salvação/redenção.
- b) πίστις: capacidade de obediência que é meio pelo qual se chega à justificação.
- c) καύχημα: atitude neutra que expressa o gloriar-se. O justo gloriar-se se dá em Cristo (Fl 3,3)

5.4.1.3.

Em nível teológico

O específico de Paulo é colocar o discípulo diante dos mistérios da vida de Cristo, com os quais deverá identificar-se. Paulo, sem esquecer-se da encarnação, valoriza mais o mistério pascal da morte e ressurreição na sua relevância para o discípulo: a conformação proposta por Paulo é com o mistério pascal de Cristo: seus sofrimentos, morte e ressurreição.

5.4.2.

Elementos próprios do QE

5.4.2.1.

Em nível morfossintático

Usa de um vocabulário simples e repetitivo, mas de grande vigor teológico pela utilização que faz do AT. O *marshal* da videira testemunha uma simplicidade sintática do grego, com um estilo de discurso que transmite um conteúdo impactante, fruto de uma escolha meticulosa dos termos e do modo de colocá-los no texto.

A perícopie da videira possui vocabulário comum com o EvJo, e algo específico. O específico é o dinamismo da videira/Jesus com seus ramos/discípulos até sua plena produção: a glória do Pai tornando-se discípulos de Jesus⁴⁶³.

⁴⁶³ Ver o dinamismo da perícopie no cap. III.

5.4.2.2. Em nível semântico

O fato de o texto, no contexto do discurso de despedida, utilizar um *mashal* com longa história no AT, exige do ouvinte-leitor alargar seus horizontes de conhecimento para ajustar-se às expectativas de leitor do texto.

A semântica do texto está na nova leitura da metáfora da videira lida à luz de Cristo, no específico contexto do discurso de despedida. Tudo isso em um escrito cuja finalidade é levar o ouvinte-leitor a crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

5.4.2.3. Em nível teológico

A cristologia joanina causa uma reviravolta na eclesiologia. A releitura cristológica da metáfora da vinha/videira na sua relação com o Senhor no AT substitui Israel por Jesus mesmo. Só é possível fazer parte da vinha do Senhor se estiver enxertado na videira. Os ramos são as pessoas, os discípulos permanecem em Cristo pelo fato de o receberem e dele receber a possibilidade de ser filho de Deus. Estes foram purificados pela adesão ao Cristo, *lógos* encarnado.

Jesus é a encarnação de Deus⁴⁶⁴. João coloca o discípulo diante de Jesus, sem maiores esclarecimentos. Este é o evento que tudo transforma. Crer nisto é já ter a vida eterna, porque membro de Cristo dele recebe a vitalidade para produzir muitos frutos, em uma vida fecunda no amor e em amor.

A nova concepção do discipulado como sinônimo da vida cristã ganha nova luz quando é expressa pelo Senhor que despede dos seus. Ou seja, de ora em diante para ser discípulo de Jesus, segui-lo, significará crer nele, ter comunhão de destino com ele, ou somente permanecer nele.

No EvJo, não o abandono da tipologia da tradição, mas novos conceitos são trazidos para definir o discípulo na nova realidade de relação com Senhor glorificado. Não é adequado oferecer-se para ser discípulo, dado que os discípulos de Jesus são atraídos pelo Pai (cf. Jo 6,65).

⁴⁶⁴ Foi visto no cap. I a tensão entre Paulo e João quanto ao enfoque dado no mistério pascal, o primeiro; na encarnação, o segundo.